

## Os espaços da negritude: percurso da mulher negra em *Solitária*, de Eliana Alves Cruz

The spaces of blackness: the journey of the black woman in *Solitária*, by Eliana Alves Cruz

 Roberta Tibúrcio Barbosa

**Resumo:** Ao longo da literatura brasileira, é possível observar os vários espaços de segregação nos quais a mulher negra foi inserida, bem como as insurgências promovidas para reverter tais posições. A literatura negro-brasileira, conforme conceitua Cuti (2010), é um dos espaços de maior visibilidade das demandas da negritude nas e por meio das artes. O presente estudo visa refletir a respeito da figura da mulher negra brasileira apresentada no romance *Solitária* (2022), de autoria da escritora negra Eliana Alves Cruz. Dessa forma, por meio de pesquisas bibliográficas, discutiremos questões como o racismo estrutural, os mecanismos patriarcais e as organizações ou partilhas sociais. A pesquisa tem como eixos norteadores os estudos de Sílvio de Almeida (2019); bell hooks (2022); Rancière (2009); Sueli Carneiro (2020); Lélia Gonzalez (2020), entre outros intelectuais que debatem a negritude. Vozes como a de Eliana Alves Cruz fazem ecoar as potências das subjetividades negras, presenças urgentes nas discussões em sala de aula na atualidade. Palavras-chave: *Solitária*. Eliana Alves Cruz. Mulher negra.

**Abstract:** Throughout Brazilian literature it is possible to observe the various spaces of segregation in which black women were inserted, as well as the

---

Roberta Tibúrcio Barbosa. Doutorado em Literatura e Interculturalidade. Professora de Língua Portuguesa.

insurgencies promoted to reverse such positions. Black-Brazilian literature, as defined by Cuti (2010), is one of the most visible spaces for the demands of blackness in and through the arts. The present study aims to reflect on the figure of the black Brazilian woman presented in the novel *Solitária* (2022), written by the black writer Eliana Alves Cruz. Thus, through bibliographical research, we will discuss issues such as structural racism, patriarchal mechanisms and social organizations or sharing. The research is guided by the studies of Sílvio de Almeida (2019); bell hooks (2022); Rancière (2009); Sueli Carneiro (2020); Lélia Gonzalez (2020), among other intellectuals who debate blackness. Voices like Eliana Alves Cruz echo the powers of black subjectivities, urgent presences in classroom discussions today.

**Keywords:** *Solitária*; Eliana Alves cruz; Black woman.

## Introdução

A literatura brasileira contemporânea vem apresentando uma diversidade de vozes que enunciam as suas culturas e subjetividades. A chamada literatura negro-brasileira, termo cunhado pelo escritor Luiz Silva (Cuti, 2010), é um dos movimentos que manifestam as demandas de grupos periféricos, outrora colocados à margem dos processos de criação literária.

Homens e mulheres negras expressam em seus textos literários as vozes que foram silenciadas nas feitura literárias canônicas. Eliana Alves Cruz é uma das mais potentes autoras da atualidade, tendo romances, contos e poemas publicados. O seu mais recente romance, *Solitária* (2022), será estudado no presente artigo tendo em vista as reflexões sobre o percurso da mulher negra em sociedade suscitadas pela obra. Nesse sentido, buscamos compreender como as personagens femininas do romance expressam seus projetos e como lidam

com as dificuldades cotidianas advindas das estruturas racistas que ainda vigoram no Brasil contemporâneo.

Os espaços nos quais o romance se desenlaça respondem a um percurso da mulher negra ao longo da história. A jovem Mabel e sua mãe Eunice são as protagonistas da narrativa, que reflete as muitas solidões que cercam a mulher negra. A mãe é empregada doméstica e precisa enfrentar grandes dificuldades no trabalho e até no próprio seio familiar para cuidar da filha. A menina sonha em se tornar médica e encorajar a mãe a quebrar o elo de subalternização que as prendem em lugares de opressão.

Em meio às batalhas enfrentadas pelas personagens, é possível observar como elas tecem resistências e quebram padrões hierárquicos. Conforme apontam as pesquisas da filósofa Sueli Carneiro: “A forte presença de mulheres negras na prestação de serviços ratifica que, tal como no passado pós-abolicionista, essa continua sendo, para as mulheres negras, a principal modalidade de atividades econômicas a que têm acesso” (Carneiro, 2020, p. 36).

Tais sistemas de dominação são observados em todos os espaços nos quais se movem as personagens do romance de Eliane Alves Cruz. Contudo, essas mesmas prerrogativas são rompidas pelas personagens que se recusam ao apagamento dos sonhos, unindo forças para vencer a solidão que as ronda.

### Literatura brasileira e os trânsitos da mulher negra

Ao longo das décadas, é possível observar que as mudanças ocorridas no contexto social se verificam também nos textos literários. Figuras integrantes das camadas menos privilegiadas da sociedade são vistas ocupando papéis secundários ou passando quase imperceptíveis

em textos nos quais se observam o protagonismo dos grupos de elite. “No caso do negro especificamente, vamos perceber que desse vértice inferior, onde está o negro, até o vértice superior, onde está o branco, o famoso contínuo de cor vai mexer profundamente com a identidade do próprio negro na sociedade brasileira” (Gonzalez, 2020, p. 233).

Nesse sentido, havia uma camuflagem na presença de personagens marginalizados – negros, mulheres, gays, travestis, pobres, prostitutas, etc. À medida que, com muita luta, tais sujeitos angariam direitos outrora negados na *partilha do sensível* (Rancière, 2009), as suas manifestações na literatura começam a se alterar.

Incluir no meio literário não só personagens, mas a voz de autoria, democratizando o acesso à leitura e à produção de literatura, é imprescindível para tornar os *ex-cêntricos* (Hutcheon, 1992) mais visíveis em suas possibilidades (cri)ativas. É a literatura, talvez, o maior veículo cultural de promoção de igualdade na contemporaneidade, como enfatiza Glissant (2005, p. 42), tendo em vista que esta explícita ou implicitamente sempre defendeu “uma concepção de mundo”.

É assim que se observam significativas diferenças na apresentação e na construção das personagens negras nas narrativas. É possível transitar de uma Isaura completamente assimilada à cultura branca, exceto pela ausência de liberdade, em *A escrava Isaura* (1875) de Bernardo Guimarães, até uma Vitória consciente de seu pertencimento negro e lutando ferozmente para sair do jugo escravagista, em *Nada digo de ti que em ti não veja* (2020) de Eliana Alves Cruz.

Ao se observar o percurso da mulher negra, é visível como as conjunturas socioeconômicas interferem em sua experiência. Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus traz uma das maiores reflexões da literatura a respeito dessas vivências marcadas pela desigualdade. Uma de suas maiores produções, *Quarto de despejo* (1960), relata os espaços

de inferiorização nos quais as minorias são enclausuradas, formando um limbo difícil de ultrapassar.

Dessa forma, ao longo do processo de formação da literatura brasileira, aparecem os levantes empreitados por autores, especialmente pelos negros, que manifestam as demandas dos grupos periféricos:

Assim, para Luiz Gama e Cruz e Sousa e também para Lima Barreto não interessava o silêncio, o acobertamento completo de sua psique, porque o silêncio abafa e impede a realização de uma das funções básicas da literatura: a catarse, e, no caso, a catarse do povo negro, que encontra também na literatura um caminho aberto para reconhecer a si mesmo, por meio da purgação da histórica humilhação sofrida e do expurgo de seus fantasmas criados pela discriminação racial (Cuti, 2010, p. 75).

Na narrativa brasileira contemporânea, tais ações se intensificam, revelando a vida e a subjetividade de muitos, cada um com sua singularidade, todos trabalhando, produzindo para si e conseqüentemente para e com o próximo-Outro, à medida que desenvolvem experiências de interesse coletivo, usando uma força que afirma a possibilidade de produção, as suas potências, em contraposição à estereotipação e à subalternização que lhes foi legada no discurso social vigente.

A mulher negra é uma das figuras de maior destaque nessa jornada, uma vez que compreende um dos grupos mais prejudicados pelos regimes de opressão. “Na sociedade brasileira a questão da mulher negra tem potencialmente a possibilidade de redefinir as prioridades da questão de gênero pela síntese que o ser mulher negra opera enquanto elemento que agrega as contradições de raça, classe e gênero” (Carneiro, 2020, p. 183).

Os movimentos de insurgência são executados nas mais variadas formas de produção literária, ao exemplo das batalhas de poesia

(slam) na contemporaneidade que se assemelham às batalhas de rap, sob as quais discorrem Collins e Bilge (2021, p. 195): “A palavra falada se torna um local de cura para as feridas provocadas pelas diferentes combinações de opressão”.

A cura ou a catarse por meio da arte é uma das pautas da literatura negro-brasileira, conforme conceitua Cuti (2010, p. 44-45): “A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África e de sua experiência no Brasil.[...] o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa”.

Empreender uma batalha contra o racismo é a pauta maior da literatura negro-brasileira. Dessa forma, a história oficial, que teima em silenciar a negritude, é defrontada por histórias outras que apresentam as demandas daqueles e daquelas que tiveram suas presenças mascaradas no decorrer da feitura literária.

Esse racismo está presente na estrutura das instituições sociais, que estabelecem as hierarquias econômicas. Segundo esclarece Sílvio de Almeida (2019, p.184): “Nesse contexto, o racismo pode ser uma excelente tecnologia de controle social, porque ‘naturaliza’ o pagamento de salários mais baixos para trabalhadores e trabalhadoras pertencentes a grupos minoritários”.

Segundo a filósofa Djamila Ribeiro, o apagamento das vozes negras ao longo da história esteve sempre acompanhado por formas de resistência:

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas

condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções (Ribeiro, 2017, p. 65).

Na atualidade, os silêncios são cada vez mais rompidos por narrativas e poemas que anunciam as muitas potências e demandas de grupos inseridos em espaços de subalternização. A leitura e o estudo de tais produções permitem compreender como as comunidades negras arquitetam projetos de empoderamento, por meio da visibilidade de suas culturas e subjetividades.

### Do quarto de despejo à universidade: Eunice e Mabel vencem a solidão

Eliana Alves Cruz é uma das autoras negras mais lidas da atualidade. Conhecida principalmente por seus romances históricos, a escritora surge em 2022 com mais um romance, muito bem aceito pela crítica e os leitores comuns. Contudo, *Solitária* não engloba o rol de romances históricos dela, ainda que diga muito sobre a história de muitas mulheres negras brasileiras.

No século XXI, Eunice e Mabel são mãe e filha que precisam enfrentar as adversidades de um Brasil racista para viver e conquistar seus sonhos. Os capítulos são nomeados pelos espaços nos quais se processam os fatos. De início vemos as personagens a conversar no quintal, no qual as visões diferentes de ambas entram em confronto. É a voz da menina que abre os caminhos da narrativa: “- Mãe...a senhora precisa se libertar dessas pessoas...A senhora não deve nada a elas, pelo contrário. [...] Não tenha medo de encarar esse povo que nunca limpou a própria privada!” (Cruz, 2022, p. 11).

Eunice trabalha como empregada doméstica para sustentar a família. O marido, que a agredia constantemente, abandona a ela e a filha e vai morar nas ruas em razão da dependência química. Nesse sentido, o lar dessas personagens é formado por mulheres, a mãe de Eunice também reside na casa.

Após anos trabalhando na casa da mesma família, cujos proprietários são nomeados D. Lúcia e seu Tiago (o que já demonstra a hierarquia em voga), Eunice se depara com um conflito, ao ver-se testemunha de uma morte no apartamento dos patrões. O filho da nova empregada doméstica despenca da janela de um dos quartos. O suspense da narrativa gira em torno do depoimento da protagonista que irá relatar a verdade dos fatos ou manter-se fiel aos empregadores, não denunciando que a jovem e inconsequente filha do casal havia sido negligente e contribuído para a morte da criança. “Estávamos ali numa espécie de dança entre os panos ondulando ao vento quente do subúrbio. Uma dança de esconder e revelar” (Cruz, 2022, p. 11).

Nessa dança, os flashbacks revelam como as personagens transitam nos variados espaços em que se encontram. A primeira parte é narrada sob o ponto de vista da filha e, por isso, se intitula “Mabel”. A jovem nos conta as passagens principais de sua vida. A primeira vez que visita o trabalho da mãe, ainda criança, se espanta com as diferenças de costumes: “Por que ela está de salto alto dentro de casa? Foi a primeira coisa que pensei quando entrei naquele apartamento enorme, em algum momento entre 1998 e 1999” (Cruz, 2022, p. 15).

Do alto de seu pedestal, D. Lúcia ignora os sentimentos de suas funcionárias, exigindo sempre com o maior rigor possível. Nesse primeiro episódio, a baba do sobrinho de Lúcia é apenas uma menina de treze que, em uma corrida ao banheiro dos fundos, se encontra em uma grande enrascada. O menino que ela cuidava cai na piscina e se afoga,

é, assim, humilhada pela família da criança, que bebia e conversava durante à noite, deixando o menino aos cuidados da babá. A narradora rememora: “As únicas coisas de que me lembro nitidamente são a imagem de d. Helena diante da mocinha de branco e o tapa ruidoso que deu nela antes de bater em retirada com os paramédicos e a festa inteira” (Cruz, 2022, p. 23).

Tal ocorrência é sintoma dos espaços de marginalização em que as crianças pobres vivem, uma situação na qual precisam trabalhar desde cedo, sendo alvos de responsabilidades que não seriam suas de fato. Por essa razão, Mabel sentencia: “Ela sabia que crianças como eu – como ela foi e, antes dela, a sua mãe, e a mãe de sua mãe até a minha décima avó – não entendiam muito bem o que era isso de ser criança. A gente sempre foi miniatura de adulto. Irene era mais uma da lista” (Cruz, 2022, p. 26).

Esse tempo-espaço que não permite ser criança faz com que a protagonista enfrente uma gravidez na adolescência e precise optar entre o bebê e seus planos de estudar medicina. D Lúcia, escondida de Eunice, oferece ajuda para Mabel recorrer a um aborto: “Coloquei quatro comprimidos embaixo da língua, meti outros quatro bem fundo na vagina e deitei em posição fetal. Chorei um pouco e acabei dormindo. Despertei com uma cólica fortíssima...” (Cruz, 2022, p. 65).

O capítulo no qual o aborto é relatado intitula-se “banheirinho”, ali, em meio às dores físicas e psicológicas do processo abortivo, a protagonista reflete:

Fiz tudo no banheirinho. Não tive coragem de ir para o quarto. Não tinha coragem de olhar os santinhos da minha mãe na cabeceira da cama. Fiquei espremida ali, entre a privada, a pia e o minibox. O curioso era que, ao contrário daquele banheiro gigante e luxuoso perto da sala, naquele momento o lugar minúsculo

amenizava a minha sensação de desamparo e abandono (Cruz, 2022, p. 66).

O diminutivo utilizado para nomear os ambientes em que ela e a mãe habitam dentro da casa da patroa, o espaço destinado aos serviçais, aponta para a inferiorização imposta ao grupo que integram. Como mulheres negras e pobres, as protagonistas são constantemente desafiadas por situações nas quais as pessoas pertencentes à elite procuram diminuir-las. É o que ocorre quando Mabel conta ao patrão da mãe o sonho de se formar médica: “Enfieei na cabeça que queria ser médica depois que seu Tiago sorriu quando eu disse que queria fazer medicina. Falou que era muito difícil uma vaga na universidade pública e que as instituições particulares eram muito caras” (Cruz, 2022, p. 52).

“Uma mulher negra bem-vestida e limpa, portando-se de maneira digna, era, com frequência, objeto de insultos vindos de homens brancos que ridicularizavam e zombavam de seus esforços para progredir” (Hooks, 2022, p. 97). A atitude de zombar e diminuir as mulheres negras em suas empreitadas sempre se fez presente. Todavia, Mabel utiliza tais falas como um incentivo para prosseguir em seu intento e romper esses preconceitos.

Mabel se envolve com os filhos de Jurandir, o porteiro, este que mais tarde será seu padrasto. Primeiro ela se relaciona com o filho mais velho, João, de quem engravida. Nesse ínterim, é o filho mais novo Cacau que é seu grande amigo e parceiro nos estudos: “Nós estudávamos na mesma escola municipal perto do edifício onde nossos pais trabalhavam” (Cruz, 2022, p. 47).

A escola pública, o prédio dos patrões, o subúrbio no qual Mabel e a mãe vivem, os pequenos espaços que ocupam no apartamento luxuoso e os demais ambientes nomeados durante a narrativa dão o mote para

os acontecimentos da trama. Dessa forma, a rua também aparece no romance, como um *locus* de liberdade, mas também de desamparo:

No caminho para o trabalho da minha mãe, passávamos por vários lugares lotados de população em situação de rua – Cacau me ensinou essa expressão. “Ninguém quer viver assim, Mabel. As pessoas vão para a rua por muitos motivos e circunstâncias”, ele disse. Era uma confusão na minha cabeça, porque papai parecia gostar de perambular sem rumo, sentindo o ar da noite (Cruz, 2022, p. 42).

A própria personagem percebe mais a frente que a rua não é sinônimo de liberdade, é apenas um espaço no qual muitos se refugiam em suas dores: “Levei anos para entender que não, ninguém quer viver assim, mas até eu assimilar tudo o que acontecia com ele muita coisa se passou” (Cruz, 2022, p. 42).

As muitas dificuldades enfrentadas pela população negra e pobre preenchem todos os espaços da narrativa. As perdas atravessam os sonhos de muitos personagens, como Sérgio, o pai de Mabel, que acaba se afogando em seus próprios devaneios: “Sérgio tinha uma coisa de querer conhecer coisas novas. Sonhava com viagens para lugares a que nunca teríamos condições de ir” (Cruz, 2022, p. 82).

Embora os planos do pai acabem frustrados, principalmente em razão do alcoolismo que o leva à miséria, Mabel luta com todas as forças e obtêm êxito em sua jornada. Já Médica, surge mais um local que ambienta a narrativa: o hospital. No romance, a menina começa sua carreira em meio à pandemia de covid-19, uma doença que abala o Brasil entre 2020 e 2022. É no ambiente hospitalar que ela se depara com outra figura periférica do romance, Irene, a baba do sobrinho de seus patrões, que agora é enfermeira:

Algum tempo depois, Mabel enfim pôde ver Irene com uma expressão feliz. As duas estavam entre as enfermeiras e médicas que prendiam bolas e enfeites coloridos à cadeira de rodas de Bruninho, quando ele se preparava para deixar o hospital segurando um cartaz com os dizeres “Eu venci a covid” (Cruz, 2022, p. 156).

Bruninho é o sobrinho de d. Lúcia e seu Tiago, o mesmo que se afogara na piscina anos atrás. Apesar de não ter morrido, o jovem ficou com sequelas do acidente, o que agravou seu quadro ao contrair a covid. Mabel e Irene, que foram tão humildes e inferiorizadas pela família do garoto, salvam a sua vida e o devolvem mais uma vez aos seus.

No entanto, a mesma felicidade não foi possível para Luzia, a nova empregada doméstica, que viu o filho morrer ao cair do prédio dos patrões. A personagem chega das compras e se depara com o corpo do menino no chão do edifício. É Eunice quem nos narra a cena: “No pátio, os paramédicos já haviam imobilizado a criança, mas não deixaram que nos aproximássemos. Luzia só sabia chorar de desespero e gritar que não tinha demorado nada, que tinha ido comprar umas coisas por ordem da patroa, que...” (Cruz, 2022, p. 134).

Ao sair para a rua, Luzia havia deixado o filho aos cuidados de Camila, a filha dos patrões, pois estavam preparando um almoço especial a pedido da jovem:

Timidamente, Luzia pediu para que Camila olhasse Gilberto um pouco. Não podíamos parar o trabalho, e as panelas quentes eram sempre um perigo. Senti no tom de sua voz tão sumida que ela achava aquilo errado. Ela deveria cuidar do menino, não podia pedir algo assim para a filha da patroa. Era o contrário: Luzia cuidava e recebia ordens, Camila era cuidada e ordenava. Camila não se opôs. Luzia ia levar poucos minutos pra ir ao mercado próximo (Cruz, 2022, p. 130).

A menina rica se distrai com as amigas e deixa o garoto de quatro anos sozinho no quarto, ele cai da janela e vem a óbito no hospital. D. Lúcia pretende, pois, esconder a responsabilidade da filha e declara que ela era quem estava cuidando da criança. Mas é preciso que o silêncio dos funcionários corrobore a versão da patroa. Aí surge o grande dilema de Eunice. No fim, ela resolve contar a verdade sobre o dia do ocorrido. “Camila passaria a responder a um pesado processo criminal, e a família também seria processada por questões trabalhistas” (Cruz, 2022, p. 160).

É nessa última parte do romance, a terceira, nomeada de solitárias, em que os próprios ambientes começam a apresentar suas reflexões sobre os percursos das personagens. O primeiro a se pronunciar é o quarto de empregada, onde Eunice e Mabel passaram grande parte da vida:

Sei que eu, no fundo, não era um quarto. Eu era uma solitária. Exatamente. Uma prisão, um lugar destinado a apartar do mundo e do restante dos viventes. Sou tão pequeno...mas sei também que consegui abrigá-las como nenhum outro cômodo da casa. [...] Todo quarto de empregada é próximo à grande lixeira da casa, porque está sempre no fundo do profundo do imóvel (Cruz, 2022, p. 139).

Naquela solitária, presas em um sistema de inferiorização, que as coloca lado a lado com o lixo, com os objetos descartáveis e indesejados, mãe e filha somam forças para encontrar rotas de fuga. “Acontece que existem prisões e prisões, mas existe uma que não tem nenhuma grade e nenhuma parede” (Cruz, 2022, p. 142).

As personagens conseguem quebrar os grilhões que as prendem em cercos de subalternidade. Eunice deixa a casa de D. Lúcia e seu Tiago. Cacau e Mabel são aprovados na universidade. Irene também. E, assim, a narrativa de Eliana Alves Cruz apresenta a jornada de empoderamento da negritude, especialmente das mulheres negras protagonistas do romance.

## Negritude em pauta: a escola como um espaço antirracista

A formação do profissional de letras no século XXI precisa compreender a escola como um ambiente de afirmação subjetiva, no qual os estudantes desenvolvem um processo de reconhecimento identitário que orienta os seus projetos de vida.

Discutir temas relacionados à negritude é de suma relevância no cenário contemporâneo, haja vista o empenho dos sujeitos negros para proporcionar o empoderamento dos seus.

O romance de Eliana Alves Cruz se apresenta como uma forte oportunidade para que os professores e as professoras possam debater as estruturas racistas que ainda assolam as vidas negras brasileiras. A trajetória da menina Mabel é semelhante à de muitas crianças negras, o que pode, inclusive, incentivar tais sujeitos a investir nos estudos e acreditar na concretização dos sonhos profissionais.

Muitos dos cenários vivenciados na narrativa em foco apresentam conexões com as experiências de jovens negros no Brasil, a exemplo das questões relacionadas à dependência química e à violência doméstica, à gravidez na adolescência e aos racismos cotidianos enfrentados pelas personagens de “Solitária”.

A solidão que ronda os caminhos da população periférica é vencida pela união das personagens de Eliana Alves Cruz, que conquistam êxito por meio dos estudos, como se observa no fato de a protagonista formar-se médica. Nesse sentido, discentes de escolas públicas, em sua maioria negros, refletem sobre suas próprias situações e, por meio da narrativa, conquistam a confiança de que também podem ter devires prósperos como as protagonistas da narrativa.

## Considerações finais

A literatura negro-brasileira apresenta as demandas da negritude que recusa o silêncio diante da história única-oficial que busca fechar os seus caminhos, circunscrevendo os sujeitos negros em espaços de subalternidade.

Eliane Alves Cruz, especialmente com *Solitária*, revela as capacidades negras para fugir das prisões dos estereótipos e das desigualdades sociais. Eunice semiotiza a mulher negra que executa uma das atividades que mais estão presentes na realidade das muitas mulheres negras brasileiras: o serviço doméstico. Mabel simboliza a nova mulher negra que ousa sonhar mais alto e busca as garantias do seu direito de estudar e ter uma profissão com uma melhor remuneração.

Os muitos espaços nos quais as personagens transitam dizem respeito à organização social, fundada em segregações orientadas por questões de gênero, raça e classe social. Nesse sentido, o último capítulo do romance intitulado “Quarto de descanso” ressalta: “Não há paz enquanto se habita o tumultuado quarto de despejo” (Cruz, 2022, p. 158). Há aqui a referência a um dos maiores nomes da literatura negro-brasileira: Carolina Maria de Jesus. Conforme nos alertam os escritos da autora: somente com a quebra das desigualdades é que haverá liberdade para sonhar. Por essa razão, Mabel precisa enfrentar enormes obstáculos para obter êxito em seus objetivos. Nesse sentido, há no romance de Eliane Alves Cruz estudado um reflexo do devir buscado e arquitetado pela negritude brasileira.

## Referências

- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- CARNEIRO, S. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- CRUZ, E. A. *Solitária*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- CUTI, L. S. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- GLISSANT, É. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Eunice Albuquerque Rocha. Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 2005.
- GONZALEZ, L. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, B. *E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo*. Trad. Bhuvi Libanio. 11.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos: 2022.
- HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Recebido em: 13/12/2023  
Aprovado em: 25/03/2024

Licenciado por

